



PORTUGUESE B – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS B – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS B – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Monday 15 May 2006 (morning)
Lundi 15 mai 2006 (matin)
Lunes 15 de mayo de 2006 (mañana)

1 h 30 m

TEXT BOOKLET – INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for Paper 1.
- Answer the questions in the Question and Answer Booklet provided.

LIVRET DE TEXTES – INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

CUADERNO DE TEXTOS – INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la Prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

TEXTO A

A VIDA EM DIRECTO

Criticado por uns, idolatrado por outros, o fenómeno dos *reality shows* ultrapassa o âmbito nacional. Com origens na Holanda, estendeu-se pela Europa fora em diferentes formatos e conteúdos. O que estará na origem desta tendência para explorar a vida em directo?

- ❶ O sucesso dos *reality shows* em Portugal levanta algumas questões de ordem ética. Ainda que estejam em conformidade com a lei televisiva, razão pela qual não existe, mesmo nas situações mais polémicas, interferência por parte da Alta Autoridade para a Comunicação Social, estes programas são ponto de discórdia e alvo de crítica de todos aqueles que não aceitam pacificamente que se possa espiar a vida dos outros a qualquer preço.
- ❷ **Fenómeno internacional.** Segundo Moita Flores, escritor, o sucesso mundial dos *reality shows* explica-se pelos efeitos de mimetismo e catarse que provocam em quem assiste. Muitos dos expectadores destes programas identificam-se ou encontram pontos em comum com sua própria vida. Por outro lado, esta adesão também tem a ver com a construção de mitos, mitos estes que passam pelo desejo de aparecer, de ser reconhecido ou famoso a qualquer preço. Neste sentido, a televisão representa, do ponto de vista mágico, o mito da identificação, do protagonismo, da materialização da ideia de ser famoso. Em países como o nosso, com uma ideologia marcada por um forte individualismo e egocentrismo, e com uma ideologia de consumo que tende para a massificação e homogeneização, o facto de aparecer na televisão representa, por si só, a possibilidade de ser herói.
- ❸ Existe ainda o desejo inconsciente de ver caucionadas certas atitudes e comportamentos, pois o que passa na televisão é considerado moralmente aceite. “Nesse contexto, o palavrão, o bater na mulher, o ser ordinário e outras coisas que fazem parte do dia-a-dia das [– X –] pouco letradas ou pouco estruturadas projectam-se e identificam-se com os protagonistas, numa lógica onde, afinal, os heróis têm emoções similares às nossas”, esclarece Moita Flores. “Vivemos em comunidades em que o [– 7 –] de mulheres é ainda socialmente aceite. Quando temos um herói no Big Brother que bate numa mulher e é socialmente aplaudido, sendo notícia de abertura dos telejornais, isso faz com que haja, da parte dos espancadores e das [– 8 –], uma aceitação e [– 9 –] que lhes diz que levar uns tabefes do marido não é assim tão errado”, reflecte ainda o escritor.

Inês Menezes-Revista Xis – 12 de fevereiro de 2005 – Lisboa

TEXTO B

ARTE

- ❶ Nessa época, meu avô me levava ao Maracanã¹, ele, fantástico malandro carioca que era amigo de Danilo do Vasco², que morava na mesma rua do Méier. O estádio ainda era novo e tinha muitos amistosos. Creio que foi durante um jogo entre o Portsmouth inglês e uma seleção nacional que tive meu primeiro contato com o terror. Até hoje
- 5 sinto o arrepio, quando vi que meu destino de perna-de-pau estava traçado, não só no futebol mas talvez na vida, pois percebi com pânico que, enquanto todo mundo na arquibancada olhava o jogo, eu olhava os torcedores olhando o jogo. Percebi que estava vendo suas reações, seus gritos e palavrões, seus olhos e bocas desdentadas atentíssimos ao campo, enquanto eu os observava de fora, como se fosse de outro
- 10 planeta. (Os negros eram mais negros na época e quase ninguém tinha dente.) Essa sensação de estar "fora" sempre me acompanhou pela vida. Nessa época, como um mecanismo de defesa, passei a ostentar uma indiferença superior ao esporte, o que me cortava a emoção que eu invejava nos torcedores.
- ❷ Até que um dia meu avô me levou para ver Vasco x Bangu³, um clássico da época.
- 15 Foi então que tive uma visão mágica e salvadora. No meio do jogo, de repente, um jogador mulato de camisa listrada de vermelho e branco arrancou numa corrida extraordinária, driblou vários "joões", deu chapéus nos half-backs, executando um balé de volteios ferozes e sutis como um cossaco dançante, levou a bola colada no pé, como um cachorrinho dócil, e colocou-a no canto da trave, sob o olhar abobalhado
- 20 do goleiro. Nesse instante, fui tomado por uma funda emoção e entendi o que era arte. Não só do futebol - mas arte mesmo. Gritavam todos: "Zizinho, Zizinho⁴!!!"... Eu tinha sentido a beleza de uma obra feita de ar, movimento, engano e dança, feita de fúria e delicadeza, de velocidade e lentidão. Por segundos, Zizinho me fez esquecer de mim mesmo e lembro com grande saudade que, por alguns segundos, eu fui como todo
- 25 mundo, igual, perdido na massa pobre do tempo, sentindo a alegria da normalidade, sem medo, sem tremor, antes que a minha solidão melancólica viesse se reinstalar.

Arnaldo Jabor-Amor é prosa, sexo é poesia - Editora Objetiva, 2004 - Rio de Janeiro

¹ Maracanã - Estádio de Futebol - Rio de Janeiro.

² Danilo do Vasco - Jogador do time do Vasco.

³ Vasco x Bangu - times de futebol do Rio de Janeiro.

⁴ Zizinho - jogador do Bangu.



TEXTO C

AGARRA! AGARRA!

De manhã, a rua tinha mais movimento. Mas sem interesse. Altas árvores, nuas de folhas, mortas. Criadas de aventais claros e sacos de compras. Um ou outro homem apressado. A mercearia do Soares na esquina e a pequena tabacaria em frente com a montra cheia de embalagens vistosas sempre iguais.

5 Era uma rua calma, muito larga, batida pelo sol, onde ele havia de passear num carro que ela própria empurraria, ou a Margarida.

Do outro lado do vidro, a manhã estava fria. As raparigas que entravam e saíam da mercearia do Soares tinham o nariz vermelho, esfregavam as mãos, corriam. Dois garotos descalços, que passaram por baixo da janela a apregoar cautelas, 10 tinham também os narizitos vermelhos. Mal ouvia o pregão. Uma criada parou a tagarelar com os rapazes, não tinha fé naquele número. (...) Mas, de súbito, a rua animou-se. Um rapazelho saiu da mercearia como uma flecha e, logo a seguir, a correr também e a gritar, o próprio Soares. Que homenzinho ridículo, o Soares, assim a correr e a gritar. Porque ele gritava! A rapariga loura 15 reconheceu no rapazelho um dos garotos que acabavam de subir a rua com as cautelas. E o Soares devia gritar com muita energia porque, através do vidro, ela percebeu perfeitamente que dizia: "Agarra! Agarra!"

Donde surgiu tanta gente? Tanta gente a correr e a gritar: "Agarra! Agarra!"? Mesmo sem abrir a janela, a rapariga acompanhava a cena toda. Pessoas acudiam 20 às portas, juntavam-se em grupos na esquina, a perguntar, a comentar, muito excitadas, enquanto na mercearia um empregado novito, de guarda pó, gesticulava, repetindo a quem ia chegando o que se tinha passado.

Apanhariam o garoto? A rapariga começou a desejar que não. Achava ridícula a figura do Soares, muito gordo e muito baixo, a correr desajeitadamente, 25 congestionado, aos gritos. E aquela fúria toda contra uma criança punha-a, sem saber porquê, do lado dela.

Mas já as cabeças se voltavam para o começo da rua. Um polícia trazia o garoto bem seguro por um braço. E, um pouco atrás, rubro de indignação e de cansaço, o Soares mostrava para a direita e para a esquerda um pequeno objecto que 30 explicava tudo. Era uma lata de conserva.

O garoto roubara. Como arranjava coragem para fazer aquilo? Entrar numa loja, estender a mão, roubar. Quando vira o Soares, de cabeça perdida, aos berros, não lhe ocorrera que poderia ir atrás dum ladrão. Porque o garoto roubara. Aquele sujeitinho roubara, era um ladrão.

35 Faziam agora à porta da mercearia uma pequena reconstituição do crime. Percebia que o rapaz queria dar qualquer explicação que ninguém aceitava. Chorava, protestava, desfazia-se em lágrimas. Mas que queria o pobre explicar?

E, de repente, deu um sacão, tentou fugir. Então o guarda assentou-lhe a mão no pescoço, sacudiu-o e, afastando os curiosos, levou-o pela rua acima.

40 Vai levá-lo, meu Deus!, disse para consigo a rapariga loura. Para que fez ele aquilo?

Os grupos dispersaram-se. Cada um voltou à sua vida. Os passeios ficaram novamente tranquilos. Novamente o silêncio, as árvores imóveis, a mercearia do Soares na esquina com o aspecto de sempre, a tabacaria mesmo em frente.

45 Nos ouvidos da rapariga loura, o choro desesperado do rapaz das cautelas não cessava. E pôs-se inquieta. Ter-lhe-ia aquilo feito mal? O Roberto dizia que ele seria o que ela fosse naqueles sete meses. Devia sentir-se forte, alegre, decidida. Devia evitar todos os choques, todos os aborrecimentos. Qualquer emoção violenta poderia prejudicá-lo. Passava as mãos no ventre a acarinhá-lo, a protegê-lo. Para que fora à janela? Porque não ficara a ler?
50 Porque não telefonara ao Roberto? Que iria acontecer-lhe por causa dum garoto que andava a roubar latas de conserva?

Mário Dionísio, O Dia Cinzento e outros contos, Publicações Europa-América,
1967 – Lisboa

SEÇÃO B

TEXTO D



MEU QUERIDO BLOG

Diários virtuais, com música, vídeos e confissões, são a nova moda dos internautas.

Blog é uma forma contraída de *weblog*, nome da versão eletrônica dos antigos diários pessoais. Aquelas confissões de adolescente, que antes eram anotadas em cadernos e guardadas a sete chaves, agora são escancaradas na internet. Com um detalhe: além de bisbilhotarem os desabafos alheios, os internautas ainda podem deixar lá seus comentários, fazer críticas e até dar conselhos. A mania, que surgiu nos Estados Unidos, já tem mais de um milhão de adeptos ao redor do mundo – 60 000 deles no Brasil.

O sucesso dos blogs deve-se a dois fatores. São fáceis de fazer e permitem muita interatividade, juntando texto, fotos, desenhos, animações, vídeos e músicas. Para ter um blog não é necessário saber nada sobre criação de páginas na internet. Basta entrar em um dos sites que ensinam a produzir um diário virtual e seguir as indicações do assistente on-line. Com poucos cliques é possível também postar novas mensagens na própria página ou publicar comentários nos blogs dos outros. “É tão simples quanto enviar um e-mail”, diz a estudante carioca Caroline Veloso, de 18 anos, criadora do blog *Meu Jeito de Ser*. Em quatro meses, o diário virtual de Caroline recebeu mais de 4000 visitas.

“O blog serve para desabafar meus sentimentos e revelar meu estado de espírito”, conta a diagramadora carioca Roberta Henriques, de 20 anos. Mas, na internet, diários não são apenas coisa de menina. Os garotos também se divertem com esse recurso. Mudam apenas os assuntos que publicam. “Uso meu blog para mostrar os feitos do time do Cruzeiro e as novidades das bandas de rock”, diz o estudante mineiro Vinícius Baumecker, de 20 anos. A maioria dos blogueiros são adolescentes, mas a novidade já se espalha por outras faixas de público. Mesmo quem nunca possuiu um diário de papel tem arriscado expor-se na internet.

Para criar um diário virtual há ferramentas e informações nos sites:

www.blogger.com
www.weblogger.com.br
www.blig.com.br

Os mais acessados são os que têm

- * nome original que chama a atenção
- * seção com gostos, desgostos e hobbies do internauta
- * links para sites interessantes e outros blogs
- * textos recheados com fotos e desenhos

José Edward – Veja, 05 de junho de 2002 – Editora Abril – Rio de Janeiro